Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação

MULHERES, BIBLIOGRAFIAS E MECANISMOS DE SUPRESSÃO[1]

WOMEN, BIBLIOGRAPHIES, AND MECHANISMS OF SUPPRESSION

MUJERES, BIBLIOGRAFÍAS Y MECANISMOS DE SUPRESIÓN

Diná Marques Pereira[2]
Fabrício José Nascimento da Silveira[3]

Submetido em: 06/03/2026
Aprovado em: 19/07/2026
Publicado em: 31/07/2026

Artigo submetido ao sistema de similaridade turnitin

[1] O texto foi submetido, avaliado, aprovado, apresentado e premiado no XXV ENANCIB 2025.
[2] Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: dina.ufmg@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8251-255X.
[3] Doutor em Ciências da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: fabrisilveira@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-0446-3913

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Resumo: O artigo analisa a representação de mulheres escritoras em bibliografias retrospectivas de temática Brasiliana, identificando os fatores bibliográficos que permitiram a citação de suas obras e como esses instrumentos técnicos atuam como mecanismos de exclusão e memoricídio. Em termos metodológicos a pesquisa é de natureza descritiva, bibliográfica e documental, inscrita no âmbito dos estudos histórico-bibliográficos. A amostra para análise consistiu em nove bibliografias retrospectivas publicadas entre 1881 e 2010, cobrindo um recorte temporal de 1492 a 1930. Foram analisados elementos como o arranjo das informações, mecanismos de indicialização e a composição das notícias bibliográficas. Os resultados revelam uma significativa dissimetria sexual; do total de 31.576 entradas analisadas, apenas 105 (0,33%) correspondem a textos de autoria feminina, totalizando 68 escritoras. Identificou-se que a maioria dessas mulheres eram brancas, socioeconomicamente privilegiadas e de nacionalidade francesa, brasileira ou inglesa. O silenciamento e a invisibilização da escrita feminina são caracterizados como práticas de memoricídio, manifestando-se por meio de violências simbólicas como a supressão de nomes em índices e a marginalização de fontes. A "escrita bibliográfica" opera como um dispositivo de poder que reforça a desautorização histórica da mulher, promovendo a destruição sistemática de sua memória no cenário da cultura escrita.

Palavras-Chave: bibliografias; memoricídio; mulheres; escritoras.

Abstract: *The article analyzes the representation of women writers in retrospective bibliographies on Brasiliana themes, identifying the bibliographical factors that allowed the citation of their works and how these technical instruments act as mechanisms of exclusion and memoricide. Methodologically, the research is descriptive, bibliographical, and documentary, situated within the field of historical-bibliographical studies. The analysis sample consisted of nine retrospective bibliographies published between 1881 and 2010, covering a time frame from 1492 to 1930. Elements such as the arrangement of information, indexing mechanisms, and the composition of bibliographical entries were analyzed. The results reveal a significant sexual asymmetry; out of a total of 31,576 entries analyzed, only 105 (0.33%) correspond to texts authored by women, totaling 68 writers. It was identified that the majority of these women were white, socioeconomically privileged, and of French, Brazilian, or English nationality. The silencing and invisibilization of female writing are characterized as practices of memoricide, manifesting through symbolic violence such as the suppression of names in indexes and the marginalization of sources. "Bibliographical writing" operates as a device of power that reinforces the historical de-authorization of women, promoting the systematic destruction of their memory within the landscape of written culture.*

Keywords: *bibliographies; memoricide; women writers.*

Resumen*: El artículo analiza la representación de mujeres escritoras en bibliografías retrospectivas de temática Brasiliana, identificando los factores bibliográficos que permitieron la citación de sus obras y cómo estos instrumentos técnicos actúan como mecanismos de exclusión y memoricidio. En términos*

metodológicos, la investigación es de naturaleza descriptiva, bibliográfica y documental, enmarcada en el ámbito de los estudios histórico-bibliográficos. La muestra para el análisis consistió en nueve bibliografías retrospectivas publicadas entre 1881 y 2010, abarcando un recorte temporal de 1492 a 1930. Se analizaron elementos como la disposición de la información, los mecanismos de indización y la composición de las noticias bibliográficas. Los resultados revelan una significativa disimetría sexual; del total de 31.576 entradas analizadas, solo 105 (0,33%) corresponden a textos de autoría femenina, sumando 68 escritoras. Se identificó que la mayoría de estas mujeres eran blancas, socioeconómicamente privilegiadas y de nacionalidad francesa, brasileña o inglesa. El silenciamiento e invisibilización de la escritura femenina se caracterizan como prácticas de memoricidio, manifestándose a través de violencias simbólicas como la supresión de nombres en índices y la marginación de fuentes. La "escritura bibliográfica" opera como un dispositivo de poder que refuerza la desautorización histórica de la mujer, promoviendo la destrucción sistemática de su memoria en el escenario de la cultura escrita.

***Palabras clave**: bibliografías; memoricidio; mujeres; escritoras.*

1 INTRODUÇÃO

O artigo apresenta parte dos resultados de pesquisa doutoral dedicada à identificação de mulheres escritoras em bibliografias retrospectivas de temática Brasiliana. A investigação, fundamentada no campo da Bibliografia, teve por objetivo analisar a presença de mulheres escritoras nesses repertórios, com vistas a verificar quais fatores de ordem bibliográfica possibilitaram a citação de suas produções nas bibliografias estudadas. A pesquisa oferece um olhar específico sobre como instrumentos técnicos (bibliografias) atuam como mecanismos de exclusão. Nas análises, a perspectiva da escrita bibliográfica foi fundamental para sistematizar e decantar os processos de produção das bibliografias e, assim, apreender em quais medidas eles proporcionaram - e ainda proporcionam - tanto o silenciamento quanto o apagamento de informações sobre mulheres escritoras no universo da cultura letrada.

O percurso investigativo traçado pode ser caracterizado como

descritivo, bibliográfico e documental. O estudo realizado dialoga com a História Cultural das Mulheres, a História das Mulheres no Brasil e o silenciamento e apagamento enquanto agentes e mecanismos do memoricídio. Para isso, apresenta dois exemplos, a saber: as publicações *Education des filles* (Fénelon, 1687)[4] e *L'art de l'écriture* (Paillasson, 1763)[5]. No que tange aos resultados, os dados qualiquantitativos sistematizados e interpretados revelam que os silêncios se manifestam em diferentes formas de exclusão e de supressão de textos de autoria feminina no âmbito da escrita bibliográfica das Bibliografias Brasilianas estudadas. Expõem, ainda, a clara dissimetria sexual que orienta os processos de elaboração e ordenamento dessas fontes, bem como os marcadores de exclusão que geram supressões e promovem o memoricídio das mulheres e de suas produções no cenário mais amplo da cultura escrita.

2 CULTURA ESCRITA, MULHERES E SILÊNCIOS

O escritor, arcebispo e poeta francês François de Fénelon (1651-1715) escreveu, em 1687, o livro *Education des filles* visando atender a um pedido da Duquesa de Beauviller (Henriette-Louise Colbert, 1657-1733), que queria orientações para educar suas filhas. Educar meninas na França não prefigura uma proposta iniciada com a publicação de Fénelon, sendo bem anterior a ela. Contudo, para nosso recorte, *Education des filles* é considerado sintoma de um sistema que queremos enfatizar. "No contexto da Contrarreforma [Séc. XVI], a educação de jovens tornou-se uma questão porque,

[4] Educação de meninas (Tradução nossa). Gallica. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k8705819q. Acesso em: 02 março 2026.
[5] A arte de escrever (Tradução nossa). Gallica. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k321265x/f360.item. Acesso em: 02 março 2026.

como futuras mães, cabia a elas fornecer as primeiras lições, principalmente religiosas e morais" (Amiot, 2023). Dentro da milenar estrutura de dominação da mulher, Fénelon soube atender ao pedido da Duquesa de Beauviller que, em essência, correspondia ao 'desejo' patriarcal e religioso de seu tempo.

Após a publicação de *Education des filles*, várias novas edições foram reorganizadas, divididas em capítulos e publicadas na França (Bastos, 2012), chegando até o Séc. XIX, e contando com traduções para outras línguas do norte global. A difusão e o sucesso do livro estavam atrelados às questões da religiosidade católica, ao domínio do patriarcado, ao enfrentamento do protestantismo e ao longo programa que, desde o Séc. XVI, foi definido para a educação de mulheres privilegiadas (majoritariamente brancas e de famílias abastadas): "ler, escrever, trabalho em agulha e instrução religiosa, para formar as boas futuras mães cristãs" (Chassanges, 1983, p. 10). Segundo Amiot (2023), para as meninas não se podia ensinar mais do que catecismo e leitura.

No cenário exposto, educar meninas não significava ter qualquer compromisso com a formação de mulheres voltada para uma autonomia de existência e de pensamento. Primeiro, as meninas a serem educadas correspondiam a uma pequena parcela da sociedade, ou seja, havia um recorte social para as meninas de famílias privilegiadas que seriam 'educadas'. A outra fatia social - a grande maioria -, desde muito jovens trabalhavam duramente, tinham filhos e não faziam parte do contexto de formação em leitura e escrita. Outro ponto a enfatizar é a necessidade de manter estruturas sociais, econômicas e religiosas patriarcais, nas quais as

mulheres privilegiadas dariam continuidade à delimitação dos espaços sociais vinculados ao gênero a partir da leitura e da escrita.

Iniciar nosso primeiro recorte sobre os modos de silenciamento da mulher com a publicação *Education des filles* é essencial por seu alcance, mas, sobretudo, pelo que a obra representa em termos de condicionamento de mulheres em um sistema de subalternização, com reflexos em várias facetas sociais, culturais, regionais e temporalidades diversas. Para Bastos (2012), o livro de Fénelon é

> [...] um discurso fundador sobre a educação das mulheres e contribui para a compreensão da historicidade dos processos discursivos sobre como as questões de gênero se relacionam e como contribuem para tecer e homogeneizar a memória de uma época (Bastos, 2012, p. 148).

Fénelon (1687) inicia seu livro explicando a importância da educação das meninas. Entretanto, em todos os capítulos ele não deixa de estabelecer a comparação dos benefícios da educação dos meninos, atribuindo a eles o futuro do bem público. Para as meninas, a educação é associada à condição de controle e aos benefícios da mulher bem-educada para o futuro esposo. Em nossas palavras, a educação das meninas era condicionada ao enquadramento da mulher em sua posição no sistema de dominação patriarcal. Nas palavras de Fénelon:

> Quanto às meninas, não lhes revela serem sapientes, a curiosidade torna-as vãs e afetadas; basta saibam quando esposas, governar suas casas e obedecer a seus maridos sem discorrerem.
> [...]
> Ensinai uma menina a ler e a escrever corretamente. Vergonhosíssimo é o ver mulheres que tem espírito e cortesia não saberem articular bem o que lêem. Também cometem infinitos erros ortográficos, ligam mal as letras e entortam as regras. Necessário é, outrossim, que uma menina aprenda a gramática da sua língua; e isso para evitar que confunda os

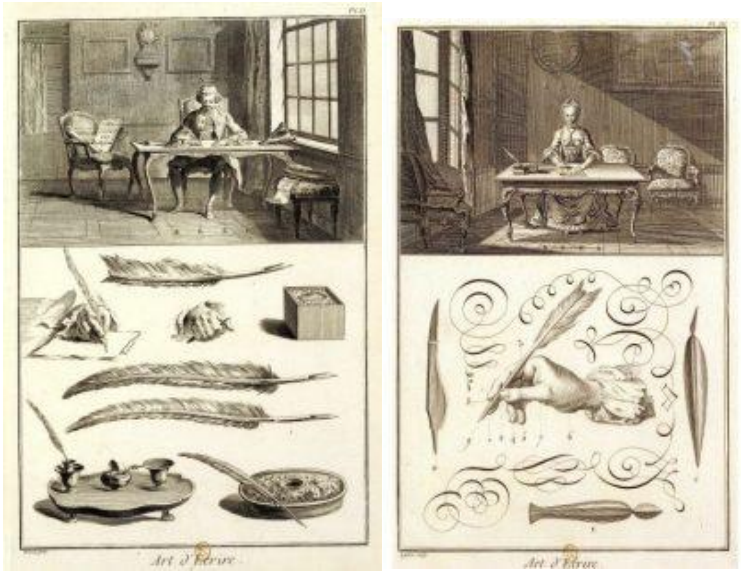
> tempos; para que empregue termos próprios e exprima nitidamente suas idéias (sic.) (Fénelon, 1852 apud Bastos, 2012, p. 184).

Empregar termos próprios e expressar nitidamente suas ideias estão ligadas, literalmente, ao uso correto da língua francesa, mas não podemos deixar de acentuar que há, na fala de Fénelon, a vocação da educação de meninas calcada em um consciente sistema de dominação.

Nosso segundo recorte relativo aos modos de silenciamento da mulher, não desvinculado do exemplo anterior, reforça que ensinar meninas das classes privilegiadas francesas a ler e escrever está presente nas representações (ilustrações) de mulheres nas belas letras e das belas artes[6]. Este exemplo desloca-se para o Séc. XVIII, no universo de longa duração da arte de escrever, especificamente para uma dicotomia presente no verbete *Art d'écrire* (Figura 1), da célebre *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers* (1751-1780), de Denis Diderot (1713-1784) e D'Alembert (1717-1783). As pranchas II e III, realizadas pelo gravador francês Antoine Jean Defehrt (1723-1774), ilustram, respectivamente, um homem e uma mulher escrevendo em seus escritórios.

[6] Não é foco do presente trabalho tratar sobre a representação da imagem de mulheres nos campos das artes e da literatura e seus mecanismos de supressão e exclusão. Isso será apresentado e discutido em outro momento.

Figura 1 – Art d'écrire, pranchas II e III



Fonte: Encyclopédie (Diderot; D' Alembert, 1763, t. 2, pranchas).

No escritório do homem há textos impressos e manuscritos, caracterizando um ambiente de leitura e produção escrita; ainda, o tamanho do papel em que escreve é maior do que aquele presente na prancha III. À sua direita, em segundo plano, há uma cadeira com um manual de escrita. É um texto de autoria do renomado gravador, calígrafo e escriba francês Charles Paillasson (1718-1789). Por sua especialidade como mestre da escrita, Diderot e D'Alembert o convidaram para ser o autor de dois importantes verbetes: *L'art de l'écriture* e *Caractères et alphabets* (Lapacherie, 1989; Paillasson, 1763, t. 2).

As pranchas, como as de Antoine Jean Defehrt, sobre o ato da escrita, não são capturas espontâneas de um cenário. Pelo contrário, as cenas presentes nas pranchas organizam o espaço para que nosso olhar capture nuances idealizadas da realidade. O ambiente do escritório é uma "cena" montada onde cada objeto (penas, tinteiros, papéis) ocupa um lugar simbólico e funcional. O uso da perspectiva e da iluminação (como o "dia bonito" mencionado por Paillasson) cria uma atmosfera de ordem e racionalidade que é, essencialmente,

uma construção cenográfica. Os corpos de homens e mulheres são posicionados de modos distintos. Essa distinção de posturas — a rigidez do corpo feminino "aprisionado em espartilho" versus a postura masculina — é uma performance de gênero encenada para reforçar normas sociais. O fato de o gravador não incluir textos escritos no escritório da mulher na Prancha III é uma escolha de "direção" da cena.

A *Encyclopédie*, para expor a ordem e o encadeamento dos conhecimentos humanos. As pranchas da *Encyclopédie* demonstram, sobretudo, a sistematização adotada para este inventário francês para as ciências, as artes e os ofícios no Setecentos. Os volumes de pranchas tinham por objetivo explicar detalhadamente, a partir das imagens, os usos, composições de materiais e de técnicas, bem como suas aplicabilidades. Para isso, as imagens recebiam numerações alfanuméricas a partir das quais é possível consultar as explicações sobre cada detalhe da imagem. Para cumprir seu objetivo, a *Encyclopédie,* enquanto um grande empreendimento editorial, planejou representações visuais limpas e organizadas e não, necessariamente, a representação da realidade caótica das oficinas e salões de seu tempo (Darnton, 1996). Esta encenação também serve ao propósito iluminista: mostrar uma sociedade governada pela razão. A encenação idealizada e imortalizada nas ilustrações da grande enciclopédia do Iluminismo teve também seus fins pedagógicos.

Os verbetes escritos por Paillasson seguiram o rigor sistemático característico da *Encyclopédie*. O artista montou cenas que parecem naturais e técnicas, contudo, as cenas não são neutras! Elas reforçam uma norma social de gênero.

De acordo com Lapacherie (1989), na *Encyclopédie*, Paillasson coloca a escrita no mesmo nível de outras artes, estruturando sua explicação com foco no corpo, nos instrumentos e nos princípios para a escrita. "A arte de escrever é parte do corpo, no sentido próprio do termo" (Lapacherie, 1989, p. 118). Sobre os corpos, Paillasson detalha como homens e mulheres devem se comportar para a Arte da Escrita, dispondo seus corpos de modo harmonioso para se alcançar uma escrita eficaz. Aliás, para ele, uma boa escrita exige que corpos masculino e femininos se posicionem de modos distintos. Se nas explicações de Paillasson há semelhanças na demonstração das técnicas e dos instrumentos da escrita, para os corpos e os espaços as diferenças são muitas. Na prancha III, as linhas indicam o alinhamento do corpo da mulher, precisas e simétricas. Na prancha II, o corpo do homem, apesar de seguir um posicionamento técnico e harmonioso para a escrita, não é nítida a rigidez corporal. Paillasson explica o motivo de sua racional e científica metodologia diferenciar os corpos de homens e de mulheres:

> Concordar-se-á que [a posição da Prancha II] é muito melhor para homens cujos movimentos não são impedidos por nada do que para jovens moças que são
> submetidas desde cedo a corpos feitos de barbatana de baleia ou outro material similarmente inflexível [espartilhos], e para as quais se deve buscar uma posição que não aumente as restrições que já lhes são impostas. Já experimentei várias vezes a que aqui anuncio [...]. Assim, as mães que, para preservar o tamanho de suas filhas, privam a maioria delas de conhecimentos úteis, independentemente do estado em
> que se encontrem, não precisarão temer qualquer acidente se o senhor, responsável por lhes dar esses conhecimentos, os colocar em prática. (Paillasson, 1763, t. 2, p. 1, tradução nossa)[7].

[7] No original: "On conviendra que [la position de la planche II] est beaucoup meilleure pour les hommes dont rien ne gêne les mouvements que pour les demoiselles que l'on assujettit dès le bas âge à des corps de baleine ou d'autre matière aussi peu flexible, et pour lesquelles il faut

A mulher da prancha III escreve uma carta? Uma oração? Um bilhete? Por que o gravador A. J. de Fehrt (1723-1774) não incluiu desenhos de textos escritos em seu escritório? É simbólico que as duas escritas também sejam diferentes, pois, no contexto, homens e mulheres usam a leitura e a escrita de modos e com objetivos distintos. Paillasson não explicita literalmente isso, mas as ilustrações revelam muito em suas entrelinhas. Para ele "três coisas são necessárias para escrever: um dia bonito, uma mesa sólida e um assento confortável" (Paillasson, 1763, t. 2, p. 1, tradução nossa)[8]. Importante frisar que o verbete de Paillasson é restrito à arte da escrita e não se refere ao tema da autoria de um texto. Entretanto, é oportuno levantarmos aqui algumas questões que envolvem a autoria. Ensinar uma mulher de corpo aprisionado em um espartilho reforça os ideais iluministas para quem? Para uma mulher escrever, enquanto autora, um dia iluminado, uma mesa sólida e um assento confortável seriam suficientes?

Por muitos séculos o sistema de exclusão patriarcal retirou das mulheres muitas possibilidades de emancipação, mas elas mudaram progressivamente esse cenário, sobretudo, devido a escrita e a leitura. Michelle Perrot (2005) aponta que as mulheres faziam uso da escrita essencial: aquela que

> [...] repousa sobre o seu grau de alfabetização e o tipo de escrita que lhes é concedido. Inicialmente isoladas na escrita privada e familiar, autorizadas a formas específicas de escrita

chercher une position qui n'ajoute pas à la contrainte où elles sont déjà. J'ai éprouvé plusieurs fois celle que j'annonce ici […]. Ainsi les mères, qui pour conserver la taille de leurs filles, les privent la plupart d'une connaissance utile dans quelque état qu'elles se trouvent, n'auront à craindre aucun accident si le maître, chargé de la leur donner, la met en usage.". (Paillasson, 1763, t. 2, p. 3.)

[8] No original: "Trois choses sont nécessaires pour écrire; un beau jour, une table solide et un siège commode". Paillasson, 1763, t.2, p.1.

> pública (educação, caridade, cozinha, etiqueta...), elas se apropriaram progressivamente de todos os campos da comunicação e da criação: poesia, romance sobretudo, história às vezes, ciência e filosofia mais dificilmente. Debates e combates balizam estas travessias de uma fronteira que tende a se reconstituir, mudando de lugar (Perrot, 2005, p. 13).

Contudo, isso não quer dizer que elas eram aceitas nesses campos. Pelo contrário, para Pérez Fontdevila, a exclusão simbólica da mulher no campo literário e no campo das artes se deve ao paradigma da exclusão e ao fato do conceito de 'autoria' ter se constituído como dispositivo de supressão do feminino, marcadamente ancorado na polarização edificada pelo binômio de gênero homem-mulher. Isso quer dizer que, no domínio do patriarcado, criatividade e feminilidade são consideradas instâncias inconciliáveis, haja vista que "as representações normativas da autoria se revelam incompatíveis com as representações normativas do gênero feminino" (Pérez Fontdevila, 2021, p. 87).

Esses exemplos de imposição de silêncios sobre a mulher e a cultura escrita, ainda de acordo com nossa interlocutora, servem para demonstrarmos que a exclusão das mulheres do campo da autoria fundamenta-se em dois paradigmas: o que liga as mulheres ao âmbito inferiorizado da natureza e da reprodução biológica e o que associa a feminilidade ao espaço da comunidade social, compreendida em oposição à originalidade e à autenticidade da "verdadeira criação artística". Nesses termos, fica evidente que as dinâmicas pautadas pelas relações sociais de gênero determinam os mecanismos de controle, de limitação, de inclusão, de desvalorização e de subordinação das atividades artísticas para e das mulheres. Esses paradigmas promovem o silenciamento da escrita feminina,

que é, em essência, agente e mecanismo para imposição e manutenção do memoricídio.

A história das mulheres é, assim, uma história que precisa analisar, atravessar, superar e vasculhar silêncios (Duarte, 2022; Perrot, 2005). De igual maneira, os contextos sociais, culturais e históricos são fundamentais para se analisar o silêncio. Orlandi (2007) defende que há dois tipos de silêncio: o silêncio fundador, que significa o não dito e que dá espaço de recuo significante, produzindo as condições para significar; e o silêncio local, que compreende silenciamento e censura. Valendo-se dessa tipologia, a autora defende que o silêncio pode ser usado para reforçar ou desafiar as normas sociais e as relações de poder, sendo, por isso mesmo, passível de ser usado para deformar, corroer, excluir ou marginalizar certos grupos sociais.

Michelle Perrot (1988, 2005, 2007) defende, por sua vez, que a história das mulheres é atravessada por silêncios e esquecimentos milenares. Para ela, a invisibilidade da mulher dá se, primeiramente, pela condição social a qual foi destinada: ficar reclusa no espaço familiar, longe da vida pública. A isso se soma o fato de que a transição das mulheres da casa de seus pais para um novo lar lhes impunha uma segunda reclusão e a continuidade de seu apagamento, em função da obrigatoriedade do uso do sobrenome do marido: "os homens são indivíduos, pessoas, trazem sobrenomes que são transmitidos. Alguns são "grandes", "grandes homens". As mulheres não têm sobrenome, apenas um nome. Aparecem sem nitidez, na penumbra dos grupos obscuros" (Perrot, 2007, p. 17). Não por acaso a historiadora francesa denuncia que, na história das mulheres, uma expressão concreta do silêncio é o avassalador

"silêncio das fontes". Ele se configura como um dos principais fatores de apagamento das mulheres na História, seja porque, em decorrência de uma série de condicionantes sócio-históricos, elas deixaram poucos registros, ou em razão de que, no geral, a atenção que observadores e cronistas, em sua grande maioria masculinos, "dispensam às mulheres é reduzida ou ditada por estereótipos" (Perrot, 2007, p. 17). Por conseguinte, essa invisibilização das mulheres corporifica-se na "dissimetria sexual das fontes, variável e desigual segundo as épocas" (Perrot, 2007, p. 17), nas quais elas são "imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas" (Perrot, 2007, p. 17).

Pelo exposto, o silêncio aliado à ideologia tem como propósito a exclusão, o apagamento e a supressão das mulheres. O silêncio é, desse modo, um mecanismo de memoricídio presente nos processos de construção de memórias documentais sobre elas e seus textos.

Do poder irrestrito, supremo de reis em governos absolutistas, justificados pela religiosidade, aos regimes autoritários do Séc. XX (regimes ditatoriais e totalitários), o desejo e a efetivação do apagamento de narrativas diversas e adversas ao regime no poder é uma das mais antigas manifestações das práticas de exploração e subalternização de pessoas via destruição de suas culturas e de suas memórias. Esta destruição sistemática, deliberada e arquitetada de memórias - em acordo com Arendt (2012), Báez (2010), Bourdieu (1989), Duarte (2022), Jelin (2022), Perrot (2005, 2007), Santos e Meneses (2013), Spivak (2010) - é característica do memoricídio. Nesse sentido, pode-se observar que os **agentes** que promovem esta destruição podem ser pessoas, grupos, governos e ou regimes políticos centrados no controle, na exploração e no cerceamento da

vida, da cultura e dos direitos dos seres humanos. Por sua vez, os **mecanismos** do memoricídio se dão a partir de violências que culminam em destruição de culturas (pessoas, textos, discursos orais, livros, arquivos, lugares de memória) e de violências simbólicas (subalternização, silêncio das fontes, marginalização de memórias, supressão e exclusão).

Silenciar e invisibilizar a escrita feminina são, efetivamente, agentes e mecanismos que promovem o assassinato de memórias. No "caso das mulheres, memoricídio pode também designar o processo de opressão e negação da sua participação ao longo da história" (Duarte, 2022, p. 16). Para eliminar a memória de lutas e de resistências das mulheres ao patriarcado, a História impôs o silêncio e a invisibilidade ao domínio do feminino. Os mecanismos do memoricídio se dão a partir de violências simbólicas. Nesse contexto, a 'escrita bibliográfica' atua como um dispositivo de poder, onde a omissão em índices e a submissão de textos femininos aos critérios da 'Teoria da Raridade' operam um silenciamento técnico que reforça a desautorização histórica da mulher como produtora de conhecimento.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa inscreve-se no âmbito dos estudos histórico-bibliográficos. Em termos metodológicos, o percurso investigativo traçado pode ser caracterizado como bibliográfico e documental, uma vez que analisou nove bibliografias retrospectivas de temática Brasiliana. Os critérios estabelecidos para seleção de textos escritos por mulheres foram: (i) textos de autoria feminina; (ii) texto de autoria feminina com co-autoria; (iii) textos que passaram por

processo editorial e que foram impressos; e (iv) artes gráficas produzidas por mulheres e publicadas em livros ou em edições seriadas. Os procedimentos técnicos iniciais foram o levantamento bibliográfico de e sobre Bibliografias Brasilianas, realizados a partir de buscas em catálogos online de bibliotecas. As expressões de busca utilizadas foram: bibliografia, bibliografias e brasiliana – e seus equivalentes em língua inglesa e francesa. Os resultados apresentaram bibliografias temáticas; catálogos de coleções privadas e públicas; e catálogos comerciais.

A partir de uma listagem inicial, o passo seguinte foi identificar quais repertórios dedicavam-se a referenciar, exclusivamente, publicações antigas; em outras palavras, foram definidas como recorte de análise as bibliografias retrospectivas. Estabeleceu-se, assim, um recorte temporal coberto por Bibliografias Brasilianas publicadas entre os séculos XIX e XX. Para a identificação das escritoras nas bibliografias, recorreu-se, também, à pesquisa bibliográfica e documental. A fim de concretizar a análise da e sobre a escrita bibliográfica, considerou-se: (i) contextualizar a publicação da bibliografia em seu tempo; e (ii) investigar sobre a pessoa bibliógrafa que a escreveu. Nesse sentido, as bibliografias foram analisadas quanto à composição da representação descritiva das entradas (notícias bibliográficas e notícias literárias); e os elementos de caracterização das bibliografias. As bibliografias foram analisadas também quanto ao (i) propósito/intenção (diretamente relacionados ao público receptor); e, (ii) autoridade; escopo/cobertura; destinatários; organização. No item organização, tendo em vista a necessidade de refinar os dados coletados em coerência com os parâmetros, foram analisados: (iii) o arranjo da bibliografia; (iv) a

organização das informações; (v) a composição da representação descritiva das entradas; (vi) os mecanismos de indicialização; e (vii) o diálogo referencial com outras bibliografias. Estes sete elementos permitiram que fossem estabelecidas considerações sobre o lugar reservado para as escritoras e as configurações e articulações da escrita bibliográfica em torno delas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As bibliografias selecionadas para compor a amostra da pesquisa são aquelas que reúnem publicações sobre a história e a cultura brasileira. Em termos tipológicos, são bibliografias retrospectivas sobre a temática Brasiliana, as quais arrolam produções anteriores à primeira metade do Séc. XX, concebidas no Brasil ou no exterior. As bibliografias analisadas, em ordem crescente de data de publicação, são: 1) Catálogo da Exposição de História do Brasil, (Galvão, 1881); 2) Annaes da imprensa nacional do Rio de Janeiro de 1808 a 1822 (Cabral, 1881); 3) Bibliographie brésilienne (Garraux, 1898); 4) Bibliotheca brasiliense (Rodrigues, 1907); 5) Biblioteca exótico-brasileira (Carvalho, 1913); 6) *Bibliotheca brasiliensi* (Maggs Bros, 1930); 7) Bibliografia brasileira do período colonial (Moraes, 1969); 8) Bibliografia da Impressão Régia do Rio de Janeiro (Camargo & Moraes, 1993); 9) Bibliographia brasiliana (Moraes, 2010).

A tabela 1 apresenta uma sistematização do recorte temporal e do número de entradas referenciadas em cada bibliografia (entradas totais e citações específicas de textos escritos por mulheres). Indica-se que, nesse caso, o recorte temporal corresponde às datas iniciais e finais das publicações repertoriadas (1492 a 1930).

Tabela 1 - Bibliografias Brasilianas

Nº	BIBLIOGRAFO(A)/DATA	BIBLIOGRAFIAS	RECORTE TEMPORAL	ENTRADAS	TEXTOS MULHERES
1	CABRAL, 1881	Annaes da Imprensa Nacional	1808-1822	1.251	1
2	GALVÃO, 1881	Catálogo da exposição da História do Brasil, 3v	1507-1880	20.337	19
3	GARRAUX, 1898	Bibliographie brésilienne	1500-1898	1.561	14
4	RODRIGUES, 1907	Bibliotheca brasiliense	1492-1822	2.646	5
5	CARVALHO, 1913	Bibliotheca exótica brasileira	1627-1910	450	5
6	MAGGS BROS, 1930	Bibliotheca brasiliensis	1493-1930	429	3
7	MORAES, 1969	Bibliografia brasileira do período colonial	1601-1822	909	9
8	CAMARGO - MORAES, 1993	Bibliografia da Impressão Régia do Rio de Janeiro, 2v	1808-1822	644	2
9	MORAES, 2010	Bibliographia brasiliana, 2v	1504-1925	3.349	47
		RESULTADOS	**1492-1930**	**31.576**	**105**

Fonte: Pereira (2024).

O recorte temporal de cada bibliografia corresponde às datas iniciais e finais das publicações repertoriadas. As bibliografias foram publicadas entre os anos de 1881 e 2010 e todas contêm a citação de pelo menos um texto escrito por mulher. Os resultados gerais das análises apresentam números e períodos extensos, como é o caso do recorte temporal. A partir da junção das datas cobertas pelas nove bibliografias, o período corresponde aos anos de 1492 a 1930. Do total de 31.576 entradas (100%), apenas 105 (0,33%) correspondem a textos escritos por 68 mulheres. A partir destes resultados e da tabulação dos títulos e escritoras, foi possível identificar que havia textos de uma mesma autora citados em mais de uma bibliografia. Após a supressão das repetições, a nova tabulação indicou o quantitativo de 43 escritoras e de 78 publicações, ou seja, do total de entradas, apenas 0,24% corresponde a textos escritos por mulheres.

Após consolidação e análises dos resultados, além da realização de pesquisas sobre a biobibliografia da maioria das escritoras, podemos confirmar que elas eram mulheres "brancas e socioeconomicamente privilegiadas" (Ribeiro, 2020, p. 4); nascidas e/ou educadas no norte global. A maior parte delas são de nacionalidade francesa (15 mulheres), o segundo maior grupo de escritoras são naturais do Brasil (11 mulheres) e em terceiro lugar estão as escritoras inglesas (7 mulheres). As demais nasceram na Alemanha (3 mulheres), Estados Unidos da América (2 mulheres), Áustria, Bélgica, Holanda, Irlanda e Suíça com (1 mulher por país). Elas publicaram seus textos, majoritariamente, na Europa. Tiveram acesso à leitura desde a infância e, na vida adulta, adotaram como objetivo pessoal a inclusão de outras mulheres no mundo da escrita e da educação. Todas, subjugadas às imposições do patriarcado, conseguiram romper o sistema de silenciamento de seus textos. Contudo, ainda assim, elas permaneceram submetidas ao memoricídio direcionado para suas escritas e para os demais aspectos derivados da condição feminina de seu tempo.

Quanto às vivências dessas mulheres no universo da cultura escrita, de modo geral, elas: receberam educação com iniciação no universo da cultura escrita desde a infância em seu núcleo familiar ou via estudos em instituições referenciais de sua época; publicaram seus textos a partir de suas vivências com a palavra escrita e muitas delas atuaram também como editoras de jornais e revistas; escreveram relatos de suas viagens nas Américas e no Brasil. Os textos identificados se enquadram na temática Brasiliana. As exceções destes são os textos de Madame Deshoulières e Françoise d'Issembourg dHapponcourt de Graffigny. A primeira foi incluída por

seu texto ter sido traduzido por um homem em uma publicação considerada um documento de Brasiliana. Já Graffigny, citada por Cabral (1881) e Camargo e Moraes (1993), foi incluída em razão dessas bibliografias terem por propósito inventariar o que saiu do prelo da Impressão Régia do Rio de Janeiro. Como exemplo, a seguir, apresentamos a descrição das publicações de uma das escritoras em Cabral (1881).

Uma publicação da francesa Françoise d'Issembourg dHapponcourt de Graffigny (1695- 1758) está descrita na entrada nº 257. A Figura 2 demonstra o formato descritivo adotado pelo bibliógrafo:

Figura 2 – Art d'écrire, pranchas II e III

257. Cartas de huma peruviana, traduzidas do francez na lingua portugueza por huma senhora. *Rio de Janeiro, na Impressão Regia*, 1812, 2 tom. in-8.º de XVI-129 e de 131 pp. num.

Ha *segunda edição* : Lisboa, na Typographia Rollandiana, 1828, in-8.º de XV-263 pp. num.

Fonte: Cabral (1881, p. 76)

A escritora e sua publicação também foram citadas em Camargo & Moraes (1993). A partir da entrada, vemos que Cabral não cita o nome de Françoise por se tratar de publicação anônima. Ao contrário do que se vê em outras entradas compostas por Cabral (1881), as informações referentes às *Cartas de uma peruviana* são sumárias, citando apenas a segunda edição. Como notícia literária, o bibliógrafo cita que as cartas

> foram traduzidas e publicadas sem o nome da autora, que é madame Graffigny. A primeira edição do original também

> sahiu anonyma. Vide Quérad, La France littèraire, tom.III, pg. 441. (sic.) (Cabral, 1881, p. 77).

Além da entrada, a escritora foi incluída no índice de autores, mas de forma ainda mais sintética: "Graffigny (madame), 257". Cabral (1881) explica que para as publicações que não tinha em mãos, adotou como alternativa fazer a descrição a partir de obras de referência. Isso certamente ocorreu no caso da entrada para a publicação de madame Graffigny. *Lettres d'une Péruvienne* (Cartas de uma peruviana) não foi o primeiro texto escrito por Graffigny, mas foi sua primeira publicação, ficando conhecida por meio dela.

> A importância do livro [Cartas de huma peruviana] na literatura europeia é comprovada pelo número de traduções às quais foi submetido. Foi traduzido para o italiano em 1754 (Lettere amorose d'una Peruviana), 1759 (Lettere di una Peruviana), 1760 (Lettere d'una Peruviana) e 1760 (Aventure di una Peruviana); para o inglês em 1748 (Letters written by a Peruvian princess), 1765 (Letters from a Peruvian Princess to her Lover), 1774 (Letters to and from a Peruvian Princess), 1782 (Letters of a Peruvian Princess, with the Sequel), 1802 (Letters written by a Peruvian Princess), 1818 (Letters of a Peruvian princess); para o alemão em 1780 (Zilia, Briefe einer Peruanerina); para o russo em 1791; para o dinamarquês em 1855 (*En Peruanerindes Handelser*); e para o espanhol em 1792 (Lettres d'une Péruvienne, escrita em francês por Madame de Graffigny e traduzida por castellano com algumas correções, e aumentadas com notas, e uma carta para seu maior complemento por Doña María Romero Masegosa y Cancelada), 1823 (Cartas peruanas, de tradutor desconhecido publicadas por la Librería Rosa de Paris) e 1836 (Cartas de una peruana traduzidas del francés por D.J.G.) (García Calderón, 2012. p. 128-129, tradução nossa)[9].

[9] No original: "La importancia de la obra en la literatura europea queda atestiguada por las numerosas traducciones de que fue objeto. Se traduce al italiano en 1754 (Lettere amorose d'una Peruviana), 1759 (Lettere di una Peruviana), 1760 (Lettere d'una Peruviana) y 1760 (Aventure di una Peruviana); al inglés en 1748 (Letters written by a Peruvian princess),1765 (Letters from a Peruvian Princess to her Lover), 1774 (Letters to and from a Peruvian Princess), 1782 (Letters of a Peruvian Princess, with the Sequel), 1802 (Letters written by a Peruvian Princess), 1818 (Letters of a Peruvian princess); al alemán en 1780 (Zilia, Briefe einer Peruanerin); al ruso en 1791; al danés en 1855 (En Peruanerindes Haendelser) y al español en 1792 (Cartas de una peruana, escritas en francés por Madame de Graffigny y traducidas al castellano con algunas correcciones, y aumentada con notas, y una carta para su mayor complemento por Doña María Romero Masegosa y Cancelada), 1823 (Cartas peruanas, de

De acordo com Grayson (1996), esse romance epistolar de Françoise teve três fontes de inspiração: a peça Alzire, de Voltaire (1694-1778), a qual é ambientada no contexto da exploração espanhola do Peru; suas leituras sobre a história dos Incas a partir de Garcilaso de la Vega (1503-1536); e as Lettres Persanes (Cartas Persas) de Montesquieu (1689-1755). A primeira edição da obra veio a público em 1747. O sucesso do livro com os leitores - conforme apontam Grayson (1996); Smith (1990) e Smith (1994) - foi tão grande que no final de 1748 ele já havia recebido quatorze edições, dentre elas três traduzidas para o inglês. No Séc. XIX, o sucesso não decaiu, ao contrário, o romance teve uma edição póstuma (revisada e ampliada pela autora) e mais de 140 edições francesas, às quais se somam traduções para o inglês, italiano, alemão, russo, espanhol, sueco e português. A tradução para o português referenciada não é a edição da Impressão Régia no Rio de Janeiro, mas, sim, as edições que o livro teve em Portugal.

Aqui, não podemos deixar de refletir sobre a intencionalidade da publicação do Annaes da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro: para além de uma edição dedicada a celebrar a Exposição de História do Brazil, seu objetivo era apresentar a herança cultural da Impressão Régia a partir do inventário de tudo o que foi possível salvar e resgatar por Alfredo do Valle Cabral. Dito isso, não julgamos pertinente atribuir o diminuto número de escritoras nesta bibliografia às escolhas exclusivas de Cabral. Se a intencionalidade era dar a ver um inventário dos impressos da Impressão Régia, então o que devemos considerar, dentro dos critérios que estabelecemos para de

traductor desconocido publicadas por la Librería Rosa de París) y 1836 (Cartas de una peruana traducidas del francés por D.J.G.).”

coleta de dados, existir apenas um romance escrito por mulher na história da Impressão Régia no Rio de Janeiro? Escapa aos objetivos de nossa pesquisa apurar as condições culturais e institucionais que permitiram apenas a presença da Madame Graffigny nessa tipografia. Entretanto, em termos objetivos, sobre a publicação do Annaes da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro, consideramos que o condicionante para a presença de Graffigny foi o fato de seu texto ter sido publicado pela Impressão Régia, no Rio de Janeiro.

Sobre os resultados mais gerais, identificamos que as 43 escritoras romperam as barreiras sociais, culturais e editoriais que dificultavam a publicação de seus textos. A pesquisa revelou, também, que a inserção dos textos das escritoras estava atrelada ao colecionismo e à Teoria da Raridade; reduzindo o número de escritoras e acentuando a assimetria sexual das fontes. As escritoras identificadas são majoritariamente mulheres brancas, europeias e partícipes das elites econômicas, intelectuais, políticas, artísticas e culturais de seu tempo. Dentre elas, apenas 11 brasileiras foram identificadas. Sobre elas, há que se considerar que, a partir das pesquisas sobre mulheres escritoras iniciadas no Brasil, com maior destaque para as investigações realizadas a partir da década de 1990, o número de brasileiras que publicaram seus textos[10] era maior do que o quantitativo indicado no resultado de nossa pesquisa.

No que se refere à escrita bibliográfica, as análises demonstram supressão e exclusão nas bibliografias, sobretudo no que se refere aos textos de autoria feminina. A escrita bibliográfica atuou, assim, como um dispositivo patriarcal responsável por promover a

[10] As publicações de escritoras brasileiras, em maior número, são vistas a partir do século XIX, sobretudo em publicações periódicas.

supressão, o apagamento e, dessa forma, o memoricídio de grande parte das 43 mulheres escritoras identificadas. Os processos de ordem bibliográfica demonstram que houve supressão e exclusão ao se descrever textos de autoria feminina. Eles se evidenciam na ausência de devidas atribuições de autoria; inexistências de informações contextuais sobre a publicação; supressão de indicações indiciais que poderiam contribuir para ampliar as informações sobre as publicações; exclusão de autoria para obras traduzidas. Todas essas características ocorrem em contraposição ao que se verifica no caso da escrita bibliográfica para obras de autoria masculina. O silenciamento é dado de modo sutil e pode ser percebido apenas ao se analisar os silêncios nas entrelinhas da escrita bibliográfica, quando é possível perceber que as bibliografias estudadas acionam agentes e mecanismos eficientes de memoricídio para a escrita feminina.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da pesquisa aqui sistematizada ressaltam, sobretudo, a "dissimetria sexual das fontes" (Perrot, 2007, p. 17). Já as análises referentes à escrita bibliográfica confirmam que a supressão e a exclusão da escrita feminina são formas sutis de memoricídio (Duarte, 2022) e de silenciamento das fontes (Perrot, 2007). Nesse sentido, a forma como a escrita bibliográfica opera e articula a presença de mulheres escritoras em Bibliografias Brasilianas comprova a exclusão simbólica da mulher do campo literário e das artes, o que se deve, em ampla medida, ao fato do conceito de "autor" ter se constituído como dispositivo de supressão

do feminino (Pérez Fontdevila; 2021), marcadamente ancorado na polarização edificada pelo binômio homem-mulher.

Por conseguinte, os resultados apurados referendam que a intencionalidade da escrita bibliográfica pode sim se configurar como dispositivo de supressão da escrita feminina. Isso faz com que as mulheres autoras e suas produções sejam apagadas do nosso cânone literário, histórico e cultural em decorrência do sistema de exclusão da mulher, artifício ideológico e de poder amplamente impulsionado pela ideação de uma concepção de autoria forjada nas estruturas e nas entrelinhas de uma cultura machista, patriarcal e misógina que produz e ratifica inúmeras formas de memoricídio.

Este processo de apagamento materializa-se em escolhas técnicas aparentemente neutras, como a omissão de nomes em índices e a aplicação de critérios de bibliofilia baseados na 'Teoria da Raridade'. A exclusão não é apenas a ausência do livro na estante. A ausência do nome da autora nos índices onomásticos e nas notas remissivas são modos de silenciar. Se a escrita bibliográfica não "indexa" a escritora, ela se torna tecnicamente invisível para futuros pesquisadores. As escritoras que foram citadas nas Bibliografias Brasilianas analisadas entraram nesses repertórios pelo viés da "raridade" ou "curiosidade" o que pode se configurar como um reforço de subalternização da produção intelectual feminina, tendo em vista que a raridade para os textos escritos por mulheres não recebe a mesma dedicação descritiva e análises que aquela dada aos demais textos.

Por fim, nota-se que o memoricídio nas bibliografias analisadas, as poucas mulheres que romperam o bloqueio da escrita bibliográfica e estão presentes nas Bibliografias Brasiliana eram, em sua maioria,

brancas e pertencentes a elites socioeconômicas. Isso demonstra que o dispositivo de supressão atua em camadas e reflete as camadas sociais e culturais. O funil da escrita bibliográfica, também possui filtro, e ele privilegia uma elite intelectual branca, aprofundando o silenciamento de outras alteridades.

REFERÊNCIAS

AMIOT, Alexandra. L'art d'écriture est attaché au sexe masculin: la place des femmes dans l'enseignement à Rouen au cours de l'époque moderne. *In*: DAUPHIN, Stéphanie (ed). **Les enseignantes en France (xvie-xxe siècle)**: sex, genre et identité professionnelle. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2023. p. 45-58. Disponível em: https://doi.org/10.4000/books.pur.192871. Acesso em: 15 fev. 2026.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BÁEZ, Fernando. **A história da destruição cultural da América Latina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010. 389 p.

BASTOS, Maria Helena Camara. Da educação das meninas por Fénelon (1852). **Revista História da Educação**, [*S. l.*], v. 16, n. 36, p. 147–188, 2012. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/22401. Acesso em: 19 fev. 2026.

BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DE FRANCE. Art d'écrire: sur la position des demoiselles pour écrire. *In*: ENCYCLOPEDIE, OU DICTIONNAIRE RAISONNE DES SCIENCES, DES ARTS ET DES METIERS (1751–1780). **Les essentiels**: découvrir, comprendre, créer, partager. France, 2022.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa, Portugal: Difel, 1989.

CABRAL, Alfredo do Valle. **Annaes da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro de 1808 a 1822**. Rio de Janeiro: Na Typographia

Nacional, 1881.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida; MORAES, Rubens Borba de. **Bibliografia da Impressão Régia do Rio de Janeiro**: (1808-1822). São Paulo: Edusp: Kosmos, 1993. 2 v.

CHASSAGNE, Serge. **L'éducation des jeunes filles il y a cent ans**. Paris: INRP, 1983.

DIDEROT, Denis; D'ALEMBERT, Jean le Rond (Coord.). [Prancha sem título no vol. *Planches*, t. 2]. *In*: ENCYCLOPÉDIE, OU DICTIONNAIRE RAISONNÉ DES SCIENCES, DES ARTS ET DES MÉTIERS. **Planches, t. 2**. Paris: [*s. n.*], 1763. [p. 53]. Acervo: Bibliothèque Nationale de France. Gallica.
Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k321265x/f360.item. Acesso em: 05 fev. 2026.

DUARTE, Constância de Lima (org.). **Memorial do memoricídio**: escritoras brasileiras esquecidas pela história. Belo Horizonte: Editora Luas, 2022. 260 p.

DARNTON, Robert. **O iluminismo como negócio**: história da publicação da Enciclopédia (1775-1800). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FÉNELON, François de. **Education des filles**. A Paris, chez Pierre Aubouin, Pierre Emery, et Charles Clousier. Paris: l'Ecu de France, & à la Croix d'or, 1687.

GÁRCIA CALDERÓN, Ángeles. Un ejemplo relevante del modelo portugués en la epístola amorosa: las Lettres d'une Péruvienne de Mme de Grafigny. **Çédille**: revista de estudios franceses, [*S. l.*], n. 8, p. 127-140, 2012. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3899360.pdf Acesso em: 16 fev. 2026.

GRAYSON, Vera L. Grayson. The genesis and reception of Mme de Graffigny's Lettres d'une Péruvienne and Cénie. **Studies on Voltaire**, [*S. l.*], n.336, p.1-152, 1996.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica Argentina, 2022.

PAILLASSON, Charles. L'art de l'écriture. *In*: DIDEROT, Denis; D'ALEMBERT, Jean le Rond. **Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers**. A. Paris: Chez Briasson; David; Le Breton; Durand, 1763. t. 2.

PÉREZ FONTDEVILA, Aina. O que não é um autor: fundamentos conceituais e estratégias críticas para desautorizar as escritoras. **Vinco**: Revista de estudos de edição, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 84-111, 2021. Disponível em: https://seer.dppg.cefetmg.br/index.php/vinco/article/view/1017.

PEREIRA, Diná Marques. **Mulheres escritoras em bibliografias brasilianas**: silenciamentos e desautorização nas entrelinhas da escrita bibliográfica. 2024. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/items/4ed63b1e-1356-4549-9096-4ae9a67ab505. Acesso em: 02 fev. 2026.

PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: Edusc, 2005.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Org.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2013.

SPIVAK, Gayatri Chakrovorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SMITH, David. The popularity of Mme de Graffigny's Lettres d'une Péruvienne: the bibliographical evidence. **Eighteenth-Century Fiction**, [*S.l.*], v. 3, n. 1, p. 1-20, 1990.

SMITH, David. Graffigny Rediviva: editions of the Lettres d'une Péruvienne (1967-1993). **Eighteenth-Century**

Fiction, [*S.l.*], v. 7, n. 1, p. 71-74, 1994.

LICENÇA DE USO
Direitos autorais das pessoas autoras, 2026. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

PUBLISHER
Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EQUIPE EDITORIAL
Martha Suzana Cabral Nunes, Maria Cleide Rodrigues Bernardino, Franciéle Carneiro Garcês da Silva.

COMO CITAR

PEREIRA, Diná Marques; SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. Mulheres, bibliografias e mecanismos de supressão. **Tendências da Pesquisa Brasileira e Ciência da Informação**, São Paulo, v. 19, n. esp., p. 1-29, jan./jun. 2026.